

Tudo começou por acaso. A piscina estava vazia naquela manhã. Por algum motivo nem mesmo as raias que separavam os nadadores estavam ali. Em pé sobre o murinho do que seria a raia de número 5 eu me preparava para saltar. Nada mexia, apenas as nuvens refletidas na inércia da água. Ao tocar a água senti meu corpo como uma pedra quebrando um espelho e a realidade se espatifando em milhares de partículas.

A idéia de realizar este livro ou as experiências contidas neste livro são fruto de uma atividade atlética cujo único primeiro propósito era trazer mais resistência à um corpo já um pouco fragilizado pela idade. Quando me inscrevi num curso de natação matinal não imaginava ainda que o que era apenas restos de tabaco virando muco, os alvéolos pulmonares refortalecidos e a musculatura revigorada, tornaram-se o bilhete de entrada para um mundo muito mais vasto: **nadar era também lembrar dos sonhos.**

O contato com a água logo pela manhã, o cérebro ainda vazio, a sincronidade das braçadas, o deslizamento do corpo e a respiração compassada produziam em mim um certo desligamento da realidade mais imediata. Quanto mais independentes (automatizados) meus movimentos, mais soltos meus pensamentos e mais imprevisíveis as associações entre eles. A água provavelmente agindo como elemento suavizador dos às vezes traumáticos choques com o estranho e o desconhecido. Uma consecução de pensamentos e de associações de imagens de tal modo caótico que só encontrava justificativa na breve dedução ou constatação de aquilo ser o que eu haiva sonhado naquela noite.

Re-sonhar um sonho recém sonhado. Ressoar um sonho entre azulejos brancos numa caixa cheia de água. O encher-me e esvaziar-me rodeado pela voluptuosidade das

bolhas que saem pela boca assim como as almas e as palavras. Bolhas são como espelhos abaulados que dilatam o espaço exterior formando imagens. Bolhas são como as pupilas.

Dentro d'água eu tinha os olhos fechados e uma abundância de bolhas saindo de mim. Entre o céu e os azulejos meu corpo se enchia da lembrança de sonhos recentes, uma caótica edição de imagens e de sons me visitando por uma segunda vez. Entre uma braçada e outra, eu tentava expressar por minha boca submersa a lembrança de um fragmento de sonho - uma simples palavra, um gemido, uma imagem na forma de uma frase. Narrar os sonhos debaixo d'água prendendo-os dentro de bolhas. Sentir o som como matéria e tempo. O tempo dos sonhos preso na realidade da bolha. Passado, presente e futuro - comprimidos na extensão de um simples momento - estavam prestes a explodir. Eu abria os olhos para ver o tempo explodir.